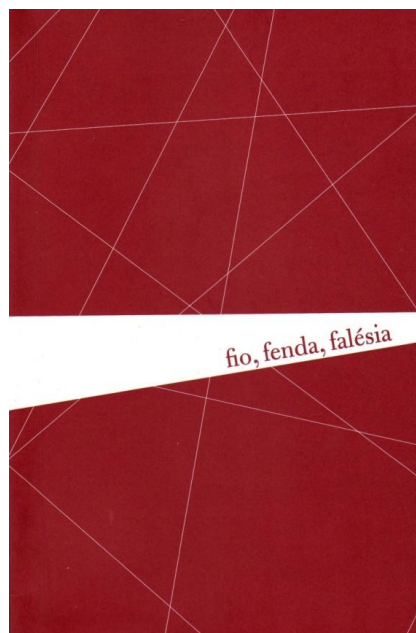


**Érica Zíngano  
Roberta Ferraz  
Renata Huber**

Seleção de poemas do livro  *fio, fenda, falésia*



Começo a vasculhar. Com os dedos. A mesa de madeira e três mulheres ao redor. Não há sangue. Uma delas, a mais nova, mostra os seios para as outras. Ouve-se a paisagem e não há pedras, ela diz, vestindo suas luvas e apontando uma foto. Os olhares se cruzam nas rendas de um vestido e atravessam a imagem. Do outro lado, atrás, congelada pelo êxtase dos olhares curiosos, há uma casa ajardinada com vistas para o mar. Elas batem, batem, inclinam as canetas na direção do silêncio. Uma ou outra gota escorre pelos dedos. Água e sal, dizem, sorvendo aquela espécie fugaz de existência. Com os seios desnudos a amiga observa. Parece frustrada, ansiosa, a procurar quem sabe a felicidade com os olhos. A vocação. Talvez seja este o motivo da viagem. Pensa. E vendo as outras se aproximarem, e sentindo com os seios o cio daqueles corpos, fica ali, calada, escutando os sussurros da paisagem no papel.

abri

outra

linha

entre

nós

(N - > S

girando

sobre

a mesa

um novo  
eixo  
o mapa  
na ponta  
dos dedos  
os olhos  
enquanto  
o papel  
uma luneta  
para ver  
de longe  
muito longe  
desfazia  
um ponto  
impreciso  
eu, ali  
você disse  
com o olhar  
na direção  
do porto  
do outro  
lado  
o mar  
as manchas  
verdes – *ou*  
*seriam azuis?*  
espera  
pediu – vai  
com lentidão  
à noite  
um mergulho  
os olhos  
nada ou  
quase nada  
fechados  
o mapa  
ao fundo  
(contra-plano)  
a um pulo  
abrir o mar  
pelo fundo  
imprimir  
um rastro  
um traço  
desfazer  
e refazer  
espera,

repetiu  
já longe  
muito longe  
quando apenas  
os lábios  
o movimento  
dos lábios  
ausência de som  
e queda  
marca d'água  
sobre fundo  
transparente

Uma diz não sabemos se há o alvo  
mas temos que desenhar uma flecha  
A outra sim, mais de uma flecha  
E outra e lança-las aos enleios  
ver os desvios que vão tomando  
E outra e há de haver o eu e o nós  
Uma diz quando desenharmos a seta  
há de haver os lugares  
A outra mas as intenções não precisam de esquadros  
estão plenas de desejos  
E outra ainda assim convém imaginar o alvo  
Uma diz para que talvez, os outros  
os derramados em nós  
possam abrir em nós  
o descampado  
E uma e então se desapegarem, deixando  
aquilo que era peia ser somente  
E outra retornemos às miragens, troquemos  
códigos, palavras  
E uma *muda o registro*  
E outra sim, um plano inicial de dizer  
um plano que contemple a junção  
A outra mas depois somos sempre livres  
E outra porque depois é um lugar sem ossos  
E uma sim, depois são os nós, deitados sobre  
água: nossos desejos jogados ao fogo  
A outra isso não pede justificativas  
E uma isso pede uma lança, uma lança clara  
concreta, feita com os espasmos, dita  
E outra isso pede um compromisso, uma decisão  
um pingo de orvalho na folha entregue

E outra iremos agora aos cactos, aos cacos que  
irão compor a seta  
E uma eu gosto de imaginar o sol como alvo  
E uma sim, algo a despossuir-se  
dadivosa, um sistema de irradiação,  
E outra pura doação de calor  
E uma sinestésias sem explicações  
E uma feixe de fendas que o nosso corpo  
oferece à claridade  
E outra isso, isso, iremos olhar para trás  
Uma diz eu prefiro o olhar as frentes, as frondosas  
frentes  
E uma eu posso ficar à vontade no nódulo central  
da gangorra, e oscilar  
E uma eu preciso olhar para trás  
E uma mas quero juntar-me e depois perder essa  
precisão

E uma e outra e diz –

Outra vez, recebo-te em nossa CASA

e abri as páginas  
logo as primeiras  
que entravam em contato  
com a tua superfície  
mais imediata

## cadáver XVIII

seria eu a virgem posta de cabeça para baixo  
não fosse - deixo-me ir sem saber  
escansão das lágrimas ofertadas aos indecisos  
ilha imaginada convivida telúrica  
– como isto tudo só agora, em palavras?  
o poema em entranhas, um gomo de frestas  
vamos ser ladinhas e corromper  
o desejo de pureza?  
vim com a pedra e tu vieste com o mar  
quando ela disse em nós foi Blake  
que sonhou nosso sonho  
de mar a três? eu  
cada vez que escrevo

deixo de existir  
nas imagens nos perdemos desfiando  
o que seríamos - eu entre as rendas  
indizíveis do minúsculo, nós  
dois duplos de nácares agora três  
pergunto-me sobre o princípio  
das exclusões  
sentimos a cauda da morte  
com que garras apunhalas  
o ânus a casa  
dentro, e por detrás - a verdade  
talvez fossem os deuses  
acima ou abaixo do que esfarelamos  
dizer

*les belles dammes sans merci*

### cadáver XIII

segura cada imagem  
uma de cada vez e depois mistura  
somos três com violino e nuvens dilatadas  
o tempo e suas camadas  
- tesoura, linha, botão e máquina: costura de  
parcas tecendo atrás do espelho?  
vestiste a folha das navalhas atrás de ti,  
cúmplice

miragem - não me deixa ver teu rosto  
a luz, nosso vestígio, não me deixa ver  
há um pacto entre a fuga das imagens  
no limite e a voz  
para guardar o amor  
(jazz no ambiente)  
penso que os franceses, ela se intromete  
dizendo, o amor é isso, de certeza  
a entrega, o sopro do coração  
em tuas mãos tento os bichos  
volto e vejo, no mesmo lugar - sem expectativas  
aparadores de cristal, contas sobre a toalha  
a soma dos dias, o passado em peso  
sobre os pratos  
- recomeço, caminhando para trás  
em marcha ré: outra forma de dizer  
in media res

Você estava de branco e contemplava os veleiros.  
Dançando a algazarra nas máquinas de costura, as ondas  
em disparate sufocavam a solidão. Eu despertava.  
Descobria minha língua na espuma desta imagem, e  
despertava sonolenta como um dia, o amor.

### **estuário à clef III**

tudo esmaece rente à fuga do pássaro negro  
este que seria escrito em nossa última ceia

na floresta o retrato de Leonardo encabeça  
a folhagem de santas obscurecidas pela garoa

corpos de mulheres não sabem mais  
como deitar a relva, os seus amantes  
Fundo o reverso indaga em sua fenda o futuro filho condenado –  
deixar meu ventre acolher o esperma  
ou secar os olhos para os viajantes noturnos?  
abrir-me ao sagrado de guardar  
e ler ao mundo mais um elmo com carabinas e desdém?

tudo se enclausura nesta escolha  
e disso tudo há muito a terra se lamenta

até que a ave breve dos agouros  
perca sua cabeça e faça de seu ossuário  
o escorrimento do manto hodierno  
estraçalhando a lógica fosca do espelho

e abrindo as pernas ao leite  
do marido, à nova cria em sua  
crisálida escrupulosa – esculpir nova  
promessa de canto, cura, vida

dar a vida, acreditar no papel  
esparramar as forças para que tudo  
dentro de uma casa de escombros  
espelho devolva a cada morte uma fagulha  
para fora da memória – quando as coisas

encostadas tingem-se em matiz

de termos corpos devolvidos à terra

nossas mães são todas mães d'água  
e todas amam em sigilo o homem viandante  
que durante o sopro da ausência de nossos pais  
visita sua febre em segredo

a abertura dessas mãos numa tarde  
nesta ilha  
(olhamo-nos e somos três e depois  
multiplicadas pelo poema olhamo-nos  
através e caem as beiras do nosso rosto  
já condensado numa mesma longa  
história folheada)

ter um corpo que dá a vida  
e depois sermos já homens separados

do leite, homens acumulados  
num gesto opaco de lembrar  
pedindo que se beba  
ainda que azedo e maltratado  
ainda que frio:

olhar nossas mães no terror de dar a vida  
nossas mães no vacilo do espanto –

dar uma volta inteira em nossa orfandade  
e escolher corajoso o antigo caminho  
que vai do corpo à casa

*photografia e scenario*

(não necessariamente nessa ordem)

leve o espelho ao fogo  
na esperança de que  
projetado tudo fosse  
queimado  
na sua superfície  
de sonho: pelas bordas  
a fotografia em movimento  
refletia uma imagem  
de amianto em segredo  
o meu rosto desaparecendo  
nesse ângulo ao rés do chão.

arremessei uma pedra  
pro alto, pro passarinho  
voando elástico (variação de  
estilingue) em segundos  
interrompendo seu vôo  
de peixe – pedra pensada  
“já adianto que as ações  
não correspondem  
de imediato  
aos fatos subsequentes”  
todas as palavras são  
incompletas  
a certas horas do dia

Sonhar uma cidade e o silêncio. Perder.  
Procurar-se. Pedras, conchas, leme. Pálpebras  
Intocadas sonham-se atrás disso. E antes  
de acordar, são vestígios de um tempo anterior,  
agravados pelo espelho *blue* da melodia.

Vestidos pendurados. Trapos do feminino degolado nos cabides e voz ao fundo em histeria, espelhos e espelhos nas teclas programadas. O ritmo alucinado dos dedos aturdidos e ninguém estando ali nos corredores, nenhum corpo a nos dizer a ausência que nos olha. Apenas trapos e gargantilhas, gosma e roupas íntimas e sapatos sem ninguém porque assim nos disseram o medo e a dívida, o impossível despertando o homem-lobo pelos rastros. Corpo sem chão. Palavra sem corpo. Sangue nos arbustos e deus-buraco bebedeira. Diz o sexo de joelhos. Acorda. Desce. Um instante, rápido, a coisa úmida ao encontro da clareira e da matança. Sim. Não. Ninguém entende. O xadrez e os tablados como um jogo do desejo. E as cadeiras, ah? E as torres, ah? Eu tramo tudo. Eu juro. Era a morte aquele cheiro insuportável de pipoca, o labirinto do meu nome e eu nada, só, tormento e enxaqueca no meio esquivo de uma peça. Tímida demais. Vaga, lambisgóia. O filho indesejado era só um pretexto, o livro-oco um buraco na parede que cavamos. E onde o corpo em estertor começa o ritual, um homem atravessa a cena com um porco.

a esses  
a todos o que seremos? Três maçãs  
sobre a costura das páginas,  
estímulos à derrisão rústica  
do desejo?





***fio, fenda, falésia***

autoras: Ferraz, Roberta; Huber, Renata; Zíngano, Érica  
edição das autoras, 2010

com auxílio ProAc 2009 | secretaria da cultura do estado de são paulo

[www.fiofendafalesia.blogspot.com](http://www.fiofendafalesia.blogspot.com)

---

**Érica Zíngano** nasceu em Fortaleza (CE) em 1980. Escreve, faz trabalhos em artes visuais e doutorado em literatura. Mora em Lisboa. Com Renata Huber e Roberta Ferraz, publicou o livro *fio, fenda, falésia* (Ed. das autoras, 2010), com apoio do Prêmio ProAc, da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Reuniu alguns dos seus trabalhos no site *1000 e 1 notas (genéricas)*: <http://mileumanotas.wordpress.com/>

**Roberta Ferraz**, (escritora | SP | 1980) publicou *desfiladeiro* (2003, Ed. Nativa – esgotado); *lacrimatórios, enócoas* (2009, Ed. Oficina Raquel; livro vencedor do Prêmio Nascente USP/2008); *Dioniso e Ariadne* (2010, edição da autora); *fio, fenda, falésia* (2010, edição das autoras| ProAc 2009) e *desfiladeiro* (2011, Ed. Oficina Raquel). Escreve no blog elêusis [[www.eleusiana.blogspot.com](http://www.eleusiana.blogspot.com)]

**Renata Huber**, nasceu em São Paulo em 1976. Publicou com Érica Zingano e Roberta Ferraz o livro *fio, fenda, falésia* (Ed. das autoras, 2010), com apoio do Prêmio ProAc, da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo.